

DESTAQUE

Índios Guarani do Rio valorizam seu patrimônio cultural divulgando cantos e danças tradicionais

A preservação do patrimônio cultural indígena pela valorização de música e dança tradicionais, através do projeto Memória Viva Guarani, já é uma realidade para o povo Guarani da Aldeia Sapukai, no Município de Angra dos Reis, Rio de Janeiro. O coral infantil Guarani gravou, em 2001, o CD "Ñande Reko Arandu" que reuniu grupos das aldeias do Rio de Janeiro e de São Paulo. O trabalho deu tão certo que eles, agora, estão produzindo um segundo CD – o "Ñande Arandu Pygua" –, além de formar um novo coral infantil.

página 2



Cacique João e o coral Guarani na Aldeia Sapukai



INFORMES

Museu do Índio publica Tesouro de Cultura Material Indígena com apoio do IPHAN

página 4

ISSN 1678-1309



9 771678 130122



Esta edição do MUSEU AO VIVO é dedicada aos índios Guarani de Bracuí do Rio de Janeiro. O leitor poderá conhecer o cotidiano dessa aldeia Guarani que busca preservar e divulgar o seu patrimônio imaterial através de lançamentos de CDs e de apresentações de corais.

O Informe é o lançamento, em breve, pelo Museu do Índio, do Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil. São 1.040 termos representativos de artefatos com respectivas técnicas e matérias-primas usadas na sua confecção.

Boa leitura.

Assessoria de Comunicação Social
Museu do Índio

Os novos ramais para marcação de visitas guiadas para escolas e grupos são: 225 e 226. Telefone 21. 2286-8899

MUSEU AO VIVO

ano 16 número 27 FEVEREIRO 2005 – JANEIRO 2006

Informativo do Museu do Índio/FUNAI
Editado pela Assessoria de Comunicação Social do Museu do Índio

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Justiça
Márcio Thomaz Bastos

Presidente da FUNAI
Mércio Pereira Gomes

Diretor do Museu do Índio
José Carlos Levinho

Assessoria de Comunicação Social
Cristina de Jesus Botelho Brandão
(Reg. Prof. 18.678)

Rosângela de Oliveira Abrahão
(Reg. Prof. 19.267)

Redação
Cristina Botelho, Rosângela Abrahão
Julia Parucker (estagiária)

Fotos
Flávia Reis (Guarani)
Arliza de Almeida (Informes)

Programação visual
Design Casa 8 (www.designcasa8.com.br)

5 mil exemplares

Rua das Palmeiras 55 Botafogo
22270-070 Rio de Janeiro RJ
telefone 21. 2286-8899
comunicacao@museudoindio.gov.br
www.museudoindio.gov.br

MUSEU AO VIVO não se responsabiliza por conceitos em matérias assinadas ou entrevistas.



A equipe do Museu ao Vivo visitou, em setembro de 2005, a aldeia, na Terra Indígena Guarani do Bracuí, e conversou com o Cacique João da Silva Verá Mirim, com o coordenador cultural do Coral Nhemoxakã, Lucas Benite Xunü Miri, com o professor Guarani, Ernesto da Silva Kuaray, e com o chefe do Posto Indígena da Funai, Cristino Machado. Uma das maiores preocupações relatadas por todos é a manutenção da identidade cultural das crianças e dos jovens da aldeia. Eles afirmam que esse é o caminho que vai garantir o futuro do povo Guarani. Divulgar e preservar a cultura Guarani para as gerações futuras é o objetivo dos trabalhos desenvolvidos através do coral, da escola bilíngüe e de todas as atividades que permeiam o dia-a-dia na aldeia.

O novo CD

O lançamento do CD "Ñande Arandu Pygua-Memória Viva Guarani" está previsto para abril de 2006 e tem o apoio do Instituto Teko Arandu na elaboração de um projeto para captação de recursos e de novas parcerias, além das do SESC-SP e da Fundação Prefeito Faria Lima-CEPAM.

O CD conta com a participação de 220 crianças e jovens, integrantes de corais infanto-juvenis das 11 aldeias Guaranis localizadas nos estados do Rio e de São Paulo. Possui o formato de CD duplo e contém 49 faixas musicais.

O cântico Guarani, geralmente, fala da cultura, da religião, da travessia para a Terra sem Males, dos animais e dos cultivos. Nesse segundo CD, as diferenças mais significativas são a participação de outros sete corais infantis e as inclusões de flauta feminina e de acalanto.

tivas para o povo Guarani

Os corais

Os Guarani sabem da importância de promover a valorização de sua produção cultural. O projeto de torná-la acessível – ao conhecimento de sucessivas gerações – é fundamental para sua sobrevivência física e cultural. Segundo o professor indígena Ernesto da Silva Kuaray, esta é a mensagem que os líderes da aldeia Sapukai querem passar com as apresentações dos corais e a gravação de canções tradicionais em CDs.

Integrante do Instituto Memória Viva Guarani, projeto realizado em parceria com outras aldeias de São Paulo, o Coral Nhemoxakã, de Sapukai, cujos participantes vestem roupas de algodão, completou sete anos. O grupo conta com 25 integrantes da comunidade e já realizou apresentações em importantes espaços culturais no Rio e em várias cidades da região serrana fluminense. Além da finalidade cultural, as apresentações tornaram-se uma fonte de renda para a comunidade. Os recursos são revertidos em interesses do grupo.

O cacique João decidiu complementar o trabalho com a criação, este ano, de um novo coral, ainda sem nome, cujas crianças e jovens vestem roupas feitas de fibra. A intenção é mostrar a tradição, mostrar que os Guarani não esqueceram a sua história, ao contrário, a cultura Guarani está bem viva e a sua essência continua forte. O coordenador do Coral Nhemoxakã, Lucas Xunū Mirí, disse que os líderes de Sapukai começaram a pensar na roupa tradicional como mais um instrumento para a preservação da memória Guarani. Eles acham que, em pouco tempo, o exemplo vai ser seguido por outras aldeias.

Além disso, os corais são importantes instrumentos de divulgação da cultura Guarani para os não-índios. Uma forma de aproximação intercultural, respeitando-se as diferenças entre essas sociedades. É uma maneira de compartilhar com a sociedade nacional a diversidade das culturas indígenas brasileiras.



O dia-a-dia

A rotina das crianças, em Sapukai, é voltada para o aprendizado. Elas aprendem o modo de ser Guarani enquanto acompanham os adultos nas tarefas diárias, quando estão na escola e até mesmo brincando. São cerca de 150 crianças, a metade da população da aldeia.

A idéia é despertar nos jovens a importância da preservação de suas tradições. As crianças aprendem com os mais velhos as danças, os cânticos, o artesanato, a caça, o plantio, entre outras. O coordenador Lucas acha que o trabalho está dando resultado porque ele vê os meninos repetirem nas brincadeiras o que aprenderam no dia-a-dia da aldeia.

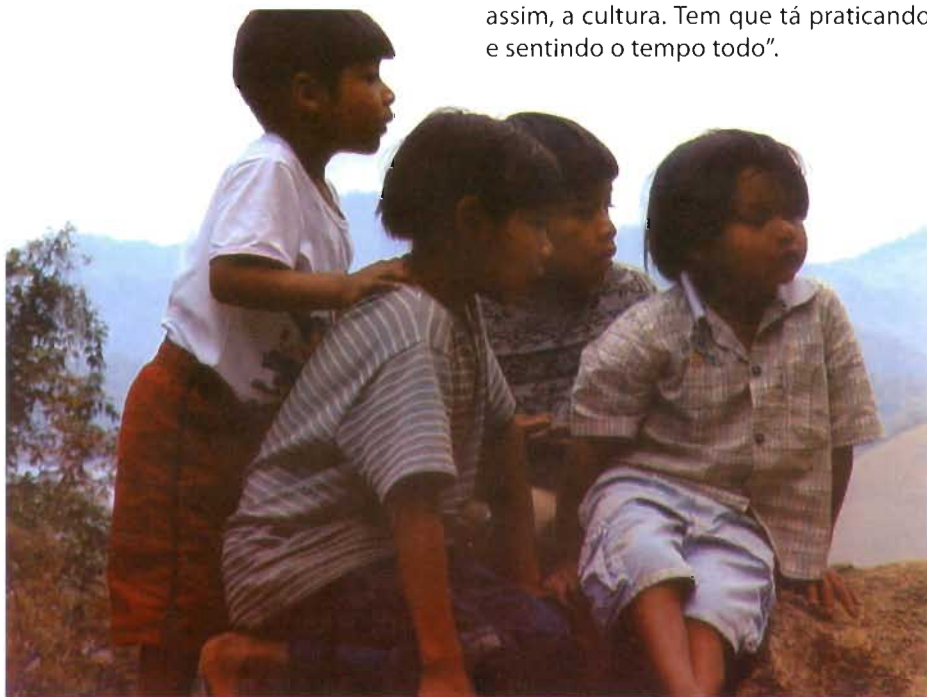


A escola

A Escola Indígena Kyringue Yvotyty foi criada, oficialmente, em agosto de 2005, mas funciona, informalmente, desde 1991, sob a coordenação de Algemiro da Silva Karai-Mirim. São oito professores, todos índios, que se revezam em dois turnos, de 8 horas ao meio-dia e das 13 às 16 horas. Segundo o professor Ernesto Kuaray, as crianças de 4 a 10 anos aprendem a escrever em Guarani e a conhecer a história e a cultura do seu povo. As mais velhas aprendem a escrever e a falar o Português. Estudam, também, Matemática e História: a história contada pelos portugueses e a história que os Guarani conhecem.

O futuro

Manter vivas a cultura e a língua Guarani. Para o professor Ernesto Kuaray, essa é a preocupação com relação ao futuro do seu povo. Uma das questões mais discutidas é como incentivar os jovens a ter orgulho de ser Guarani. Os líderes de Sapukai querem evitar que eles se envolvam demais com os não-índios e percam a identidade: "Nem índio nem branco. Então, isso é que é uma preocupação. O jovem tem que tá sentindo, assim, a cultura. Tem que tá praticando e sentindo o tempo todo".



Terra sem Mal



As migrações dos Guarani Mbyá, em direção ao mar, estão ligadas à procura da Terra sem Mal. Eles buscam a terra prometida (Yvi Mara Ey) neste mundo ou em um paraíso mítico além da Terra. Para os índios Guarani de Bracuí, há três possibilidades para a identificação deste local: depois do mar, no céu ou no Paraguai (centro da terra).

O mar ocupa um lugar central na tradição Mbyá. Ao mesmo tempo que ele é um obstáculo para o Guarani transpor e atingir o paraíso – o ponto de chegada –, é, nas suas proximidades, que o destino desse povo pode se realizar. A predileção dos Guarani Mbyá pela Serra do Mar – ao invés

da orla, como os antigos Tupi – adquire uma significação especial para esses índios. Ela é o “dique do mar”.

Os Mbyá pertencem à família Tupi-Guarani do tronco lingüístico Tupi. Habitam o Uruguai, Paraguai, Argentina e os estados do Sul do Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul).

Fontes

LADEIRA, Maria Inês Martins, AZANHA, Gilberto. *Os Índios da Serra do Mar, a presença Mbyá-Guarani em São Paulo*. CTI, São Paulo: Novo Stella Editorial, 1988.

LITAIFF, Aldo. *As divinas palavras: identidade étnica dos guarani – Mbyá*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

INFORMES

Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil

O Museu do Índio vai publicar com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Ministério da Cultura, em breve, o Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil. O projeto foi desenvolvido no Museu do Índio, em 2003 e 2004, para que os povos indígenas tivessem maiores oportunidades de resgatar seu patrimônio cultural material, além de apoiar tecnicamente as instituições que abrigam os seus acervos.

O tesouro representa uma ferramenta para o tratamento e a recuperação da informação sobre a cultura material das etnias indígenas. Ele objetiva estabelecer uma terminologia padrão para a indexação dos artefatos existentes nos diversos acervos dos museus etnográficos.

“É importante valorizar e divulgar a cultura material dos povos indígenas brasileiros”, explica o diretor do Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN, José do Nascimento Júnior. “O tesouro vai facilitar os pesquisadores e as instituições que dialogam com essa temática. Vamos possibilitar a qualificação – daqui para a frente – das exposições e das publicações em relação às culturas das etnias indígenas brasileiras.”

MI na II Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

Os índios Carlos Tukano (AM) e Thini-á Fulniô (PE) participaram das atividades planejadas pela equipe do Serviço de Atividades Culturais e Divulgação do Museu do Índio para a segunda edição da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. O evento aconteceu de 3 a 9 de outubro com o tema “Brasil, olhe para a água”. O MI esteve presente em quatro dos oito grandes eventos, onde participaram diversas instituições de ensino e pesquisa no Rio: Barca da Ciência, Ciência no Largo da Carioca, Ciência no Aterro do Flamengo e Trem da Ciência. A programação incluiu contação de histórias indígenas e a exposição fotográfica “Os Wajãpi do Amapá”.

Em todo o país, a Semana C & T, coordenada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, incluiu seis mil e 694 atividades, organizadas por 843 instituições em 333 municípios brasileiros. (Fonte: sítio do MCT)

